

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

ELEIÇÕES 2006: ENQUADRAMENTOS DE VEJA E CARTA CAPITAL

Bauru – 2007

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

ELEIÇÕES 2006: ENQUADRAMENTOS DE VEJA E CARTA CAPITAL

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração (USC) como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Orientador: Dr. Danilo Rothberg
Aluna: Ana Cristina Consalter Amôr

Bauru – 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram direta ou indiretamente nesta pesquisa, em especial, ao meu professor e orientador Danilo Rothberg, pela paciência, dedicação e pela crítica.

Agradeço aos meus pais pelo estímulo e pela educação, a todos os professores, em especial ao Professor Luís Henrique Marques, por ter acreditado em mim e aos funcionários da TV, ao querido Goiano, à colega Melissa e à minha querida amiga Rosane Slompo, secretária da Pró-Reitoria Comunitária, por terem contribuído para a minha formação.

Finalmente, agradeço a Deus pela vida e saúde e dedico este trabalho à minha filha Ana Luíza.

"Que Deus me dê serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as que posso e sabedoria para distinguir entre elas".
(Abrahan Lincoln)

Sumário

Resumo.....	3
Lista de tabelas.....	4
Lista de figuras.....	5
1. Introdução.....	6
2. Revisão de Literatura.....	8
2.1. Mídia e Política.....	8
2.2. A cobertura jornalística de revista.....	11
2.3. Os enquadramentos da mídia.....	13
3. Objetivos.....	22
4. Materiais e métodos.....	23
5. Resultados.....	24
5.1. Quadros de análise da revista Carta Capital.....	24
5.2. Quadros de análise da revista Veja.....	41
6. Discussão dos resultados.....	57
7. Considerações finais.....	64
8. Referências Bibliográficas.....	66
9. Bibliografia consultada.....	68
Anexo.....	69

RESUMO

Esta pesquisa analisou a qualidade dos enquadramentos construídos pelas revistas Veja e Carta Capital acerca dos candidatos à Presidência da República durante os meses de agosto e setembro, período que antecedeu as eleições de 2006. Foram verificadas a seleção, a ênfase e a exclusão de informações na construção do texto. Ao todo, foram analisadas 29 matérias, sendo 15 matérias da revista Carta Capital e 14 da revista Veja. Foi possível identificar, descrever e analisar os enquadramentos construídos pelas revistas, percebendo como favoreceram determinadas perspectivas, e compreendendo de maneira geral o tratamento dado pelos veículos sobre o tema. Ao todo, foram encontrados dez enquadramentos temáticos, caracterizados por pluralidade, e 19 enquadramentos estratégicos, episódicos ou de conflito, marcados por fragmentação e superficialidade.

Palavras-chave: mídia; enquadramento; política; revistas semanais; eleições presidenciais.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total de enquadramentos dominantes nas revistas Veja e Carta Capital publicadas durante os meses de agosto e setembro de 2006.....57

Tabela 2: Total de Enquadramentos secundários nas revistas Veja e Carta Capital publicadas durante os meses de agosto e setembro de 2006.....57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção de enquadramentos dominantes na revista Carta Capital, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e de conflito.....58

Gráfico 2: Proporção de enquadramentos secundários na revista Carta Capital, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e não há59

Gráfico 3: Proporção de enquadramentos dominantes na revista Veja, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e episódico62

Gráfico 4: Proporção de enquadramentos secundários na revista Veja, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e episódico63

INTRODUÇÃO

É através dos meios de comunicação de massa que tomamos conhecimento do que acontece no mundo. São eles que nos ajudam a construir nossa realidade, que é formada pela informação que recebemos e pelas percepções que temos, além, é claro, do meio em que vivemos e das crenças e valores que abraçamos.

As revistas de informação semanal, por assumirem caráter opinativo, apropriam-se de formas e métodos específicos para produzir perspectivas, selecionar, enfatizar, apresentar e organizar uma determinada realidade, influenciando a formação de idéias e conceitos de seus leitores.

No Brasil, a Veja é a revista semanal que, atualmente, detém a maior parte das assinaturas em todo o país, é líder de tiragem, com 1,1 milhão de exemplares distribuídos semanalmente em todo o país (dados de abril de 2007), e torna-se um referencial na formação de opinião do cidadão brasileiro.

Já a Carta Capital, com uma tiragem de 33.700 exemplares (dados de abril de 2007), é reconhecidamente uma revista de perfil editorial distinto, e por isso, também fará parte deste estudo a fim de investigar a cultura jornalística do nosso país e como esta cultura interage com o campo da política.

Para investigar como as Revistas Veja e Carta Capital cobriram as eleições presidenciais de 2006 no Brasil, verificamos a qualidade dos enquadramentos utilizados pelas revistas para organizar a realidade dos fatos políticos dentro do contexto da abordagem jornalística durante os meses de agosto e setembro, meses que antecederam o pleito.

Enquadramento é um processo através do qual é possível selecionar determinados aspectos de um acontecimento, enfatizar ou salientar, incluir ou excluir outros. É um mecanismo constante na construção da notícia.

De acordo com Porto (2001) são quatro os principais enquadramentos utilizados em processos eleitorais. De um lado, está o enquadramento *temático*, que corresponde a uma abordagem mais substancial e completa do fato. De outro lado, estão os enquadramentos *corrida de cavalos*, *episódico* ou *centrado na personalidade*, que são mais superficiais, configuram a campanha eleitoral como uma corrida entre os

candidatos, descrevem estratégias de campanha e resultados de pesquisas, enfatizam características pessoais ou dramas humanos. Não contextualizam os acontecimentos e nem evidenciam forças e fatores sociais mais amplos.

Através do estudo de enquadramentos foi possível analisar a forma como os meios de comunicação interpretaram a disputa eleitoral em questão. É importante entender como as revistas semanais comunicam os acontecimentos políticos em períodos eleitorais. Que possamos nós, através deste trabalho, ter contribuído para gerar conhecimento em torno da questão de se as revistas semanais têm servido de potencial estímulo e exemplo à prática ética e democrática da cidadania.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Mídia e política

De fato, cada vez mais o grande público tem acesso à informação. E é fato também que o grande público está sujeito às imperfeições e superficialidades da informação, conseqüências do processo industrial de produção das notícias.

Segundo Kellner (2001, p. 9) a mídia fornece as informações com as quais muitas pessoas constroem suas opiniões, mitos, símbolos e comportamentos sociais. “A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades através das quais os indivíduos se inserem nas sociedades contemporâneas”.

Desde a redemocratização, o sistema brasileiro de comunicação transita entre o dever de informar e a necessidade de impor-se no cenário da política. A mídia não age apenas como mediadora. A maneira como ela comunica a política hoje, no Brasil, é decisiva no funcionamento da própria esfera política.

Rothberg (1994) aponta que o posicionamento político dos indivíduos é gerado pela forma que recebemos informação, cultura e entretenimento.

Lima (2001, p. 176) utiliza o conceito de Cenário de Representação da Política (CR-P) para explicar a relação da mídia com a política. Para ele, a mídia foi colocada pela convergência tecnológica como elemento fundamental da engrenagem da globalização econômica e cultural, além de ser um setor extremamente dinâmico. “Não surpreende, portanto, que a mídia tenha também se transformado em objeto privilegiado das disputas pelo poder político na contemporaneidade e, conseqüentemente, em fonte primeira das incertezas com relação ao futuro da democracia”.

De acordo com Lima (2001, p. 176) o conceito de CR-P constitui-se como objeto fundamental de análise para a compreensão do poder político no mundo contemporâneo. Ele refere-se a um “cenário de representação” específico da vida política. E a palavra cenário significando o espaço, o lugar onde ocorre algum fato, alguma ação, alguma prática qualquer. Nestes cenários de representação é que são construídas publicamente as significações relacionadas aos gêneros, às etnias, às

gerações, à estética, à violência, à modernidade. “Dessa forma, o CR-P é o espaço específico de representação da política nas democracias representativas contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica total, construído em processos de longo prazo, na mídia e pela mídia” (Lima, 2001, p. 182).

E o conceito de CR-P implica em também abordar o conceito de *hegemonia*, que oferece vantagens básicas como referência teórica do CR-P. Considerando o reconhecimento de que, numa sociedade de classes há desigualdades, há domínio e subordinação, então é necessário acrescentar o conceito de hegemonia e contra-hegemonia ou hegemonia alternativa. Ou seja, a hegemonia é a representação de uma realidade comum para a maioria e constituída por um bloco de alianças representando um consentimento para uma determinada ordem social definida. “A hegemonia se constitui no espaço das representações” (Lima, 2001, p. 184). Para o autor, uma de suas características é a liderança intelectual e moral das classes hegemônicas. Um consenso obtido através de uma articulação hegemônica. Sendo assim, a hegemonia pode ser caracterizada como instrumento de poder e influência na estrutura vertical do processo social. No entanto, quando alguns setores da sociedade não se identificam com a hegemonia estabelecida, eles manifestam sua contrariedade e reivindicam novas atitudes e posicionamentos no poder público e também no poder civil. Este é o conceito de contra-hegemonia.

Rothberg (2005, p. 15) ressalta que os meios de comunicação são acusados de banalizar a política quando utilizam-se de artifícios para a busca do lucro e de interesses individuais. Uma grande estratégia narrativa é lançada a fim de atrair o interesse público e alcançar vantagens mercadológicas, prestígio econômico e poder social. Os telejornais e até mesmo o jornalismo impresso voltam-se para a política apenas para retratar trajetórias pessoais dos que fazem parte da chamada ‘classe política’. A política então é retratada de uma maneira superficial e inconseqüente, ferindo o direito à informação de grupos sociais específicos ou de amplas coletividades. “Trata-se, na verdade, de algo necessariamente advindo das rotinas industriais de produção de noticiais” (Rothberg, 2005, p. 16).

Segundo Rothberg (2005, p. 16), a mídia transforma-se no quarto poder quando utiliza uma informação específica com o poder de manipular as pessoas. No entanto, os meios de comunicação exercem um poder ainda maior quando retratam a política com elementos estranhos à política a fim de reduzir seu contexto a um mero produto atraente e de consumo rápido. Para o autor é um processo automático e naturalizado.

De acordo com Street (apud Rothberg, 2005, p. 17) os relatos jornalísticos são caracterizados como narrativas com roteiros e atores, recursos utilizados pelo cinema. Ele propõe que os estudiosos devem identificar o *bias*, ou seja, estudar as inclinações de determinado veículo de acordo com as seguintes possibilidades: “a) podem ser explícitas ou veladas; b) podem ser produto de uma manipulação deliberada ou apenas refletir processos arraigados e inconscientes” (Rothberg, 2005, p. 18).

Rothberg (2005, p. 31) alerta que “a propagação de certas categorias de compreensão de fatos e dados pode ser atribuída à força de certas convenções que historicamente despertariam o interesse do público, ao simplificar os acontecimentos a ponto de tornar-lhes palatáveis”.

O autor (2005, p. 36) conclui que a mídia aborda a política de maneira superficial, oferecendo apenas uma percepção genérica dos temas, o que levaria a uma simplificação da imagem do processo político, então retratado nos limites dos enquadramentos ‘corrida de cavalos’ ou de jogos. A mídia estabelece também uma espécie particular de domínio público e tende a limitar a participação do envolvimento do cidadão na política. Ele deve participar na seleção das elites e depois deve deixá-las governar, não assumindo assim, um papel efetivamente mais ativo nos processos de decisão política. Os meios de comunicação também atuam na negociação dos termos do processo decisório e à margem das massas. As elites se tornariam fontes de muitas notícias sobre a política apontando formatos, vantagens, desvantagens a fim de influenciar.

2.1 A cobertura jornalística de revista

As revistas de informação semanais detêm seus próprios meios de transmitir a informação. Distantes do jornalismo praticado nos jornais diários, as revistas tendem a estender a cobertura jornalística.

Segundo Boas (1996), o acontecimento trazido pela revista é apresentado como verdade absoluta. A revista revela-se a detentora da chave para conhecer essa verdade.

O estilo magazine produzido hoje obedece o critério comercial. A notícia sofre as conseqüências da circunstância histórica de que é um produto à venda.

Para Boas (1996, p. 71) cada veículo tem sua maneira de ser, seu próprio estilo, sem ignorar regras básicas do estilo jornalístico. A revista magazine engloba também uma variedade de estilos, é mais literária e mais artística, “é uma prática jornalística diferenciada”.

Boas (1996, p. 72) divide as revistas em três grupos estilísticos: as ilustradas, as especializadas e as de informação-geral. A cobertura jornalística da revista se preocupa mais com a contemporaneidade e atualidade. Seu planejamento editorial trabalha, de maneira harmoniosa, “ritmo gráfico, visual e sentido das palavras”. O jornalista deve se empenhar ao máximo para garantir o interesse constante do leitor na leitura. Para tanto, a capa é produzida com “atrativos de uma embalagem”. O texto é organizado em tópicos frasais, e a abertura das matérias é quase sempre uma narrativa climática. Trata-se de abordar o assunto, não o fato. A notícia deve ser explorada de um modo mais amplo.

Revista e jornal são além de tudo, circunstancialmente diferentes. A periodicidade é fator determinante do estilo de texto de uma revista. As revistas de informação chegam às bancas do mesmo modo que um sabonete chega ao supermercado. Por isso precisam de atrativos que as diferenciem do jornalismo dinâmico e veloz de todos os dias. O texto das revistas de notícias é um desses atrativos. Utiliza recursos que, nos limites do posicionamento político-empresarial, são a conciliação da prática de noticiar com a de narrar (BOAS, 1996, p. 101).

Outra característica indicada pelo autor é que, na revista, a frase criativa substitui o lead, sendo, portanto, a forma de abertura uma das principais diferenças entre o texto

de revista e o texto de jornal diário. Para escrever em revista é preciso inspiração e criatividade. O autor ainda afirma que uma revista deve ir além do fato, mas não deve ter a pretensão de dar a palavra final e sim abordar o conceito de notícia de um modo mais amplo e contextualizando mais.

Boas (1996, p. 103) também concorda que, no texto de revista, é possível realizar uma espécie de literatura não ficcional.

O gênero de reportagem que mais se aproxima da literatura é o narrativo. Trata-se de um texto informativo e, ao mesmo tempo, recheado de figuras. Nada impede que a literatura informe. O livro-reportagem é uma prova disso, como forma de ser jornalisticamente mais expressivo, do ponto de vista da beleza e da criatividade.

De acordo com Boas (1996), o estilo magazine é herdeiro do *New Journalism*, movimento que resgata certa tradição literária e autoriza o jornalista a viver a situação dos entrevistados.

Enfim, o jornalista tem um compromisso incansável pela busca do estilo, quase que um ideal sem fim. Os critérios jornalísticos adotados e a engenhosidade do texto revelam um jornalismo dependente do sistema econômico, cuja objetividade e isenção são quase que inexistentes.

A abordagem editorial das revistas é assunto culminante e decisivo na relação que tem com o público leitor. A revista tende a superar a distinção entre gêneros informativo e interpretativo, trazendo um texto “editorializado”: o tratamento dado pela reportagem ao assunto encerra uma visão do fato.

Para Melo (2003, p. 75) a seleção da informação é o principal instrumento utilizado pela instituição para expressar suas idéias, sua opinião, a sua representação da realidade. É através dessa seleção que se aplica a prática da linha editorial. Esta seleção representa a ótica através da qual a instituição/empresa vê o mundo. “Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição, privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos”.

A instituição/empresa dispõe de vários recursos para controlar a seleção da informação, bem como a própria estrutura da redação, as pautas, as coberturas, as

fontes. De qualquer maneira, o autor não deixa dúvida quanto ao fato de que a instituição jornalística exerce sim um controle sobre cada emissão ou edição. “Tampouco existem dúvidas sobre as possibilidades que têm os profissionais de interferir nesse controle” (Melo, 2003, p. 77).

Entre manuais de redação, pesquisas e livros de autores brasileiros, se convencionou denominar as categorias jornalísticas, constituídas através dos principais critérios utilizados na construção do texto jornalístico. A objetividade é a mais citada entre noticiabilidade, clareza, veracidade, concisão, imparcialidade, interesse, atualidade, criatividade, independência, ordem direta, novidade, importância, honestidade, exatidão, rapidez e correção gramatical.

Ao abordar as categorias jornalísticas, Melo (2003, p. 25) afirma que existe uma distinção entre o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo que corresponde a um artifício profissional e também político:

Profissional no sentido contemporâneo, significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui numa concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, o editor burlando a vigilância do Estado, assumindo riscos calculados nas matérias.

Melo (2003, p. 73) destaca que os meios de comunicação são “aparatos ideológicos atrelados ao Estado”, influenciando pessoas, mobilizando e comovendo grupos e sociedades. “São, portanto, veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias que existem”.

2.1 Os enquadramentos da mídia

Porto (2002) caracteriza um enfoque para o estudo da relação entre a mídia e política: o enquadramento.

Já afirmava Hackett (apud PORTO, 2002, P. 2) acerca de um novo paradigma como alternativa no estudo de coberturas políticas:

Parcialidade, objetividade e seus afins (desequilíbrio, distorção e deturpação), constituem um suporte teórico frágil, um paradigma em declínio. Já não é suficiente pressupor a possibilidade da comunicação imparcial, de conteúdos objetivos e independentes do mundo exterior. Ainda que estes conceitos mantenham seu valor normativo e empírico.

Tankard (apud PORTO, 2002, p. 3) destaca que o enquadramento oferece um instrumento para analisar empiricamente o papel da mídia na construção da hegemonia e também para dinamizar perspectivas teóricas já existentes como, por exemplo, a da agenda-setting.

Segundo Tankard (apud PORTO, 2002, p. 7), enquadramento envolve seleção e saliência. Significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e promover uma interpretação, uma definição particular, uma avaliação moral ou uma recomendação de tratamento para essa realidade percebida.

Porto (2002) aponta que enquadramento é um princípio de organização que governa os eventos sociais e o nosso envolvimento nesses eventos. Através do enquadramento as pessoas se permitem fazer sentido dos eventos e das situações sociais. Gitlin (apud PORTO, 2002, p. 6) ainda define:

Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. Recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos.

Street (apud Rothberg, 2005, p. 17) indica que o enquadramento é uma noção útil para entender o mecanismo de contar histórias no jornalismo político. Para Street este conceito (*frame*) é caracterizado como algo mais sofisticado do que as usuais teorias empregadas e propõe buscar as tendências supostamente apresentadas de forma sistemática (*bias*).

De acordo com Entman (apud CUNHA, 2005) “os enquadramentos diagnosticam, avaliam e prescrevem o conteúdo das notícias”. Eles selecionam certos aspectos da realidade, os tornam mais salientes e promovem um problema, uma

interpretação, uma avaliação moral ou uma recomendação de tratamento para o assunto. E esses pequenos processos interferem no exercício do poder quando os enquadramentos aparecem em notícias de cunho político.

Segundo Rothberg (2005, p. 24) “os enquadramentos da política devem ser considerados como parte integrante de um gênero de produto midiático” com roteiros pré-determinados para cativar o público. Esses gêneros possuem histórias e trajetórias distintas, influenciadas pelas relações entre editores e receptores.

A política é contada como uma história, e os políticos dão sentido aos eventos através de narrativas que cativam leitores e telespectadores. Street (apud Rothberg, 2005, p. 25) usa a metáfora corrida de cavalos para exemplificar melhor: “Especialistas em opinião pública agem como agenciadores de apostas, e o dia da eleição é o ponto de chegada. Os comentários são guiados pelas pesquisas e outras estimativas sobre as chances de sucesso dos partidos”, afirma.

Tuchman (apud Rothberg, 2005, p. 27) argumenta que os *frames* podem até determinar a inclusão ou exclusão de um acontecimento e que os jornalistas usam formatos de enquadramentos específicos como equipamento profissional, mecanismo constante na construção da notícia.

Gamson (apud PORTO, 2002, p. 6) analisou que todo tema político tem uma cultura, um discurso que possui interpretações e significados sobre os fatos e que modifica-se. Essas interpretações competem entre si e no centro de cada “pacote interpretativo” está uma idéia central organizadora que é o enquadramento.

Porto (2002) divide em duas vertentes as pesquisas que utilizam tal referencial. De um lado, estão os estudos, realizados com grupos focais, do impacto dos enquadramentos da mídia sobre o entendimento da audiência em relação a temas políticos. De outro lado, investiga-se como determinado tema é enquadrado pela mídia. Surgem, sob esta segunda perspectiva, os enquadramentos temático, “corrida de cavalos”, cívico, episódico, de interesse humano, de jogo, estratégico e dominante.

Para Porto (2001, p. 11) a forma como os meios de comunicação interpretam as disputas eleitorais revela características da cultura profissional do jornalismo praticado nos meios de comunicação brasileiros.

Ao identificar as principais características da cobertura jornalística da eleição estadunidense de 2000 pelo jornal brasileiro de maior circulação, a *Folha de S. Paulo*, Porto (2001) materializou os principais enquadramentos utilizados em processos eleitorais:

- Enquadramento temático: concebe uma abordagem mais substancial dos fatos noticiosos, um nível analítico que vai além dos fatos. Em processos políticos enfatiza as posições e propostas dos candidatos sobre os aspectos substantivos da campanha e em períodos não-eleitorais situa os assuntos diversos em contextos mais gerais, interpretativos e analíticos;
- Enquadramento corrida de cavalos: configura a campanha eleitoral como uma corrida de cavalos, uma corrida entre os candidatos. A abordagem se restringe a descrever uma estratégia de jogo, os resultados das pesquisas e as estratégias das campanhas. Outros pesquisadores utilizam, para este tipo de enquadramento, outros nomes como enquadramento estratégico ou “game frame”;
- Enquadramento centrado na personalidade: este enquadramento está presente nas notícias que enfatizam as características e a vida pessoal dos candidatos e outros atores noticiosos, descrições de suas habilidades, qualidades, os atores individuais, os eventos e os dramas humanos. Este tipo pode também ser chamado de “enquadramento de impacto humano ou interesse humano”;
- Enquadramento episódico: está presente em notícias descritivas, centradas em eventos que relatam fatos ou declarações de atores. Restringe-se basicamente em relatar os últimos acontecimentos de maneira superficial.

Segundo Porto (2002, p. 10), o enquadramento episódico tende gerar a impressão de que não existem conexões entre diversos problemas de uma dada cobertura, e de que a ação política é inexistente. Já o enquadramento temático, por apresentar um contexto mais completo, evidencia forças e fatores sociais mais amplos.

Para Porto (2001, p. 19), é preciso aperfeiçoar o estudo do enquadramento. O conteúdo da mídia possui um caráter frequentemente contraditório, e a tendência funcionalista nos estudos do enquadramento tende a identificar apenas um enquadramento dominante, ignorando as contradições da narrativa noticiosa. “A

natureza complexa e contraditória das mensagens dos mídia não pode ser ignorada”. Daí surgem as possibilidades de estudar os enquadramentos em um dado acontecimento: se há apenas um enquadramento na construção do fato, ou se ainda existe um outro, o secundário. Ambos podem se opor quanto à qualidade de interpretação: um tratamento temático pode se impor ao quadro geral construído por uma matéria, enquanto subjaz como pano de fundo, ao mesmo tempo, um enquadramento *corrida de cavalos*. Seriam segmentos com uma forma mais interpretativa e outros adotando um estilo mais descritivo.

No caso da disputa eleitoral estadunidense o enquadramento utilizado com mais frequência, dominante em 35% das notícias, foi o corrida de cavalos, baseado nas pesquisas eleitorais e nas estratégias dos candidatos. O segundo, o episódico, se deteve a descrever eventos de campanha sem contextualizá-los.

Porto (2001, p. 13) aponta direções futuras na aplicação deste enfoque para o estudo sobre a mídia e suas relações. Ele destaca alguns problemas que clamam pelo aprimoramento do enquadramento e superação de algumas debilidades, tais como o “indeterminismo conceitual”, devido ao fato de os enquadramentos serem muito numerosos e a falta de métodos de análise mais sistemáticos e menos subjetivos. É preciso também desenvolver uma análise de conteúdo sistemática, definir mais claramente os diversos tipos. Nelson e Willey (apud Porto, 2001, p. 14), por exemplo, destacam a necessidade de separar ‘enquadramentos noticiosos’ de ‘enquadramentos temáticos’. Porto (2002, p. 15) ainda sugere a distinção entre dois tipos de enquadramento, noticiosos e interpretativos:

Enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. Já os enquadramentos interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento, etc, e são elaborados por atores políticos e sociais.

Porto (2002, p. 16) aponta o segundo passo: identificar as principais controvérsias e os enquadramentos a elas relacionados, ou seja, identificar as interpretações acerca dos principais temas, eventos políticos e atores sociais. “O

pesquisador deve analisar não só os enquadramentos dominantes ou de grupos influentes, mas também interpretações promovidas por movimentos sociais ou de oposição, inclusive as excluídas pela mídia”, recomenda.

Por último, o autor sugere que o pesquisador adote categorias de classificação e protocolos para decodificação do conteúdo, além de medidas quantitativas. É importante também ir além de um enquadramento dominante, e identificar as narrativas contraditórias das mensagens.

Recentes pesquisas têm utilizado os enquadramentos para identificar como a mídia cobre períodos eleitorais ou outros acontecimentos políticos relevantes.

Ao estudar a cobertura jornalística realizada pelo Jornal Nacional acerca das reportagens sobre reformas constitucionais e através da análise do enquadramento, Cunha (2005) também definiu como outra face do objeto de estudo, a tentativa de desvendar as relações que existem entre Globo e Partido dos Trabalhadores, implícitas sob a produção do telejornal de maior audiência.

Cunha (2005) compôs a pesquisa com reportagens reunidas em três temas e de acontecimentos importantes do cenário político nacional durante os dois primeiros anos da gestão Lula (2003-2006). As matérias relacionam-se a promoção do desenvolvimento (reformas constitucionais), economia (taxa de juros) e política (caso Waldomiro Diniz) e foram veiculadas no Jornal Nacional em abril e maio de 2003 e fevereiro de 2004.

A autora sugere que a TV brasileira continua a ser refém dos interesses mercadológicos, atende mal o interesse público e demonstra certa dependência em relação ao governo federal por ser uma concessão de serviço público. Em toda a sua história, o Jornal Nacional ficou conhecido por divulgar informações favoráveis a determinados grupos políticos ou econômicos, sempre interferindo nas decisões políticas e defendendo ou criticando o governo quando assim fosse conveniente.

Para Cunha (2005), a Globo ainda permanece benevolente na cobertura dos fatos políticos. Porém, os enquadramentos estão mais sutis em relação ao jornalismo oficialista praticado durante o regime militar e até recentemente. Soma-se a este fato a

grave situação financeira das organizações Globo durante o período eleitoral e sua expectativa por um empréstimo do BNDES.

Tanto a Globo quanto o Partido dos Trabalhadores demonstraram mudanças em suas relações e influências recíprocas. O PT parece ter se deslocado para o centro, adotando políticas conservadoras, e o Jornal Nacional apresentou condutas e enquadramentos mais neutros e um certo equilíbrio no tratamento dos assuntos.

Para a autora, a Globo também teria mudado devido às transformações ideológicas do partido. Porém, ainda continuaria a veicular estrategicamente informação como única fonte de informação e formação da opinião, agendando os temas da opinião pública.

Ao analisar os enquadramentos fornecidos pelos dois jornais de grande circulação, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* acerca da Conferência Rio +10, realizada em 2002, em Joannesburgo, Miguel (2004, p. 107) avalia que a editoria na qual a matéria é enquadrada revela o enfoque que os dois jornais deram para a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável e também as diferentes formas para enquadrar a mesma temática. As matérias foram trazidas pela *Folha* na editoria Ciência. O Estado considerou o assunto de interesse para o leitor comum e abordou a reunião na editoria Geral.

Analisando os enquadramentos utilizados pelo *Estado*, Miguel (2004, p. 81) notou que o conflito entre os países foi ressaltado constantemente. Explicações mais profundas acerca dos acordos e encontros foram deixadas de lado. O enquadramento mais constante foi o de jogo, através do qual as matérias traçaram um panorama a respeito dos temas mais enfocados. O enquadramento estratégico também predominou nas intenções e ações dos países envolvidos.

Considerando os enquadramentos da *Folha*, os conflituosos predominaram, ou seja, os contrastes, os embates, as disputas entre os países foram evidenciadas. O enquadramento episódico e o estratégico também foram identificados. Ambos não permitiram que a *Folha* explicasse melhor, por exemplo, a importância do Protocolo de Kyoto, da energia renovável, o que seria a Agenda 21 e seus benefícios.

Os dois veículos procuraram evidenciar as disputas, as rivalidades e os aspectos mais negativos e revelaram as mesmas tendências. Os aspectos mais importantes não foram contextualizados com mais detalhes pelos dois veículos, ou seja, as discussões e os debates acerca das propostas e dos assuntos debatidos durante a cúpula ficaram de fora.

A autora argumenta que as fontes teriam influenciado a mídia na definição do enquadramento. As imagens também tiveram papel estratégico. Miguel (2004, p. 106) ressalta que “ao reduzir a problemática ambiental, o jornal pode estar ajustando o tema ao repertório de seus leitores”.

Lourenço (2006) analisou os enquadramentos sobre a articulação entre os poderes executivo e legislativo nacionais nas revistas *Veja* e *Época*. Ele indica que as articulações políticas foram tratadas como entretenimento, com elementos espetaculares que pudessem definir enfoques como traições, alianças. Basicamente, as matérias foram construídas por elementos de disputa de poder e prestígio.

Segundo Lourenço (2006, p. 88), “as revistas apresentaram a política apenas como jogo de interesses, apresentada em um cenário de corrupção com atores pitorescos marcados pela falta de ética e comprometimento social”. Os veículos teriam negligenciado informações objetivas e esclarecedoras sobre assuntos inerentes ao processo de tomada de decisão, transformando o cotidiano político em uma batalha em busca de prestígio e poder.

A mídia também teria possibilitado o desgaste das imagens das instituições e dos agentes políticos perante a opinião pública através de informações evasivas e cômicas.

Porto (2001, p. 29), ao identificar as principais características da cobertura jornalística da eleição estadunidense de 2000 pelo jornal *Folha de S. Paulo*, destacou questões fundamentais para entender a cultura profissional do jornalismo praticado. O estudo mostrou que a ênfase em estratégias e táticas políticas de candidatos impede que os eleitores aprendam mais sobre o processo eleitoral e sobre as posições dos candidatos. As estratégias também ativam o cinismo sobre o mundo da política, impedindo que as pessoas relacionem problemas sociais e ações políticas e mais, “não contribui para promover um envolvimento efetivo da cidadania no processo político em

geral e em processos eleitorais”. O autor ainda verificou que a cobertura não contextualizou os eventos e impediu que os leitores entendessem os conflitos em um contexto mais amplo. Enfim, a Folha de S. Paulo quase não ajudou seus leitores a conhecer e avaliar aspectos substantivos da campanha.

Azevedo (1998) trata a agenda da mídia na campanha presidencial de 1998, fornece referências empíricas para futuras análises sobre o papel da mídia numa disputa presidencial e afirma que existe uma correlação direta e casual entre a agenda da mídia e a agenda do público. “O público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos do cenário político” (Shaw apud Azevedo, 1998, p. 1). O autor demonstra ainda mais duas certezas: a de que a TV reordena ou ‘ressistematiza’ os temas principais da agenda e que há influência dos meios de comunicação no processo eleitoral.

Através do critério da audiência e da penetração dos veículos de grupos formadores de opinião, Azevedo (1998) trabalhou sua análise acerca do Jornal Nacional, dos jornais diários Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo e da revista Veja, nos meses de julho, agosto e setembro de 1998.

No que se refere às manchetes, chamadas e títulos, os resultados confirmam um crescente processo de ‘despolitização’. O mesmo se considerou nas colunas, nos editoriais e na maior parte de toda a cobertura e em todos os veículos analisados.

Azevedo (1998) considera que a agenda da mídia durante o período analisado foi amplamente favorável ao governo e ao candidato à reeleição. E mais: a Rede Globo e seu poderoso Jornal Nacional exerceram uma poderosa influência política no processo eleitoral. “A política foi praticamente exilada neste noticiário. Esconder a política numa campanha eleitoral praticamente inexistente pode ser uma forma eficiente de intervir no processo político e beneficiar uma das candidaturas” (Azevedo, 1998, p. 32).

3. OBJETIVOS

a) Identificar, descrever e analisar os enquadramentos construídos pelas revistas Veja e Carta Capital na cobertura das eleições presidenciais de 2006 nos meses de agosto e setembro, percebendo como favoreceram determinadas perspectivas;

b) Conhecer a qualidade dos enquadramentos em questão, identificando a presença de quadros dominantes e secundários em torno das variações *temático*, *corrida de cavalos*, *episódico* e *de conflito*.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada a partir da análise da cobertura das eleições presidenciais de 2006 realizada pelas revistas Veja e Carta Capital nos meses de agosto e setembro.

Para tanto, empregou-se a teoria do enquadramento (framing), através da análise dos mecanismos de seleção, ênfase e exclusão de informações na construção do texto.

Ao todo, foram analisadas 29 matérias, sendo 15 matérias da revista Carta Capital e 14 da revista Veja, selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

As matérias foram analisadas a partir da estrutura composta pelos itens abaixo, de acordo com os referenciais metodológicos empregados.

- ? Nome da revista;
- ? Data de edição;
- ? Título da Matéria;
- ? Olho da matéria;
- ? Descrição: resumo objetivo da matéria;
- ? Enquadramento dominante: um tratamento que se impõe ao quadro geral construído pela matéria;
- ? Enquadramento secundário: um tratamento que subjaz como pano de fundo, é em geral oposto ao dominante.
- ? Seleção: aspectos selecionados pelo texto;
- ? Ênfase: aspectos destacados pelo texto;
- ? Exclusão: aspectos essenciais para a compreensão do assunto em questão não apurados pela reportagem.

A íntegra das matérias analisadas encontra-se em CD anexado ao final do trabalho. As matérias estão dispostas em pastas. Cada pasta está identificada com o título da matéria correspondente.

5. RESULTADOS

Os resultados são apresentados nos quadros abaixo, segundo a metodologia selecionada e abrangendo 29 matérias ao todo: 15 da revista Carta Capital e 14 (item 5.1) da Veja (item 5.2).

5.1 Quadros de análise da revista Carta Capital

QUADRO I

Revista: Carta Capital

Data: 02/08/2006

Título da matéria: A escalada de HH

Olho: Com um discurso moralista, a candidata do PSOL acumula apoios, mas seu potencial na disputa ainda é incerto

Descrição: A matéria traça o perfil da candidata à presidência da república, Heloísa Helena. Fatores como discurso ético e moral, carreira, trajetória e postura política, contradições, campanhas e potencial político, são abordados ao longo da matéria. Há ainda, no final, um box acerca de uma pesquisa que nunca foi feita e com resultados que seriam favoráveis ao candidato tucano Geraldo Alckmin.

- **Seleção:** A matéria contextualiza o perfil de Heloísa Helena contrapondo características positivas como valentia e transparência com contradições e descompromisso com projetos políticos. “A trajetória da senadora contabiliza percalços e contradições que os adversários não param de lembrar”.

- **Ênfase:** Ao citar pesquisa do Ibope, a matéria lança dúvidas quanto ao potencial e objetivos da candidata, mesmo considerando o “fator HH”, que poderia provocar ou não a realização de um segundo turno. “Outro ponto da discussão é saber se esse mesmo

eleitorado que abriu o coração à senadora continuará fiel depois de conhecer o programa de governo do PSOL”.

A candidata ainda é comparada ao Lula de 1989, evidenciando o fato de que Heloísa Helena poderia ascender na carreira política nas próximas eleições.

- **Exclusão:** A matéria não detalha o plano de governo da candidata.

Enquadramento dominante: Estratégico ou corrida de cavalos, centrado nas possibilidades de vitória da candidata.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO II

Revista: Carta Capital

Data: 09/08/2006

Título da matéria: O show vai começar

Olho: Os tucanos apostam as últimas fichas no horário gratuito, enquanto Lula pretende reeditar o estilo “paz e amor”

Descrição: A matéria aponta as apostas dos candidatos em estratégias e instrumentos mais eficazes para os 45 dias que antecederiam as eleições. “O ex-governador de São Paulo teria no rádio e na tevê quase oito horas para tentar diminuir a diferença que o separa de Luís Inácio Lula da Silva. Lula teria para defender a reeleição um pouco menos de seis horas”.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, os candidatos planejam suas exposições, definem estratégias, correm atrás do prejuízo nos últimos dias de campanha. “Os últimos três

programas seriam decisivos, pois os indecisos e curiosos voltariam à tevê”, explica Ricardo Guedes, diretor do Instituto Sensus.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, os estrategistas de Alckmin acreditam que o alvo principal é o nordeste. Eles “apostam as fichas nos programas de rádio e tevê para tornar o tucano conhecido da massa de brasileiros”. Porém, os candidatos tentam esconder o jogo. “A maior dificuldade dos marqueteiros tucanos é encontrar o tom entre a apresentação das propostas e o discurso contra a corrupção”. Os pefelistas partem para o ataque, os tucanos exibem as qualidades de Alckmin e baseiam-se em acusações contra o adversário. No PT, o quadro comparativo com a oposição teria surtido efeitos. “Lula reeditará o perfil paz e amor”. Já Heloísa Helena deveria escolher: “manter a postura cabra-macho, que provocou ascensão nas pesquisas e com efeitos colaterais ou suavizar o discurso”.

- **Exclusão:** A matéria não detalha planos de governo.

Enquadramento dominante: Estratégico ou corrida de cavalos, centrado nas táticas de campanha dos candidatos.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO III

Revista: Carta Capital

Data: 09/08/2006

Título da matéria: Promessas. Também na TV

Olho: A Band reage a anúncio da Globo e abre guerra na cobertura política

Descrição: A matéria se faz do embate entre Band e Globo acerca de anúncios irônicos, cheios de promessas e alfinetadas, para abordar como as emissoras de tevê realizam a

cobertura política. “O aperitivo ao banquete de promessas e réplicas oferecido pela propaganda eleitoral foi providenciado pelas emissoras de tevê”.

- **Seleção:** De acordo com a revista, “a extensão da guerra eleitoral para as emissoras de tevê de modo tão aberto é uma novidade. Se, de um lado expõe a rivalidade comercial entre as redes, de outro, dá a largada a uma disputa pela credibilidade”.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, as emissoras sentiriam a necessidade de se ter credibilidade, mas não descartariam os interesses em jogo. “A mídia tem o poder de privilegiar determinados enquadramentos e discriminar outros”.

Para o responsável pela cobertura das eleições na cultura, Dácio Nitrini, as emissoras comerciais transformaram as eleições num bom produto a ser vendido. “A Globo assumiu o lado espetacular da eleição”, diz o pesquisador Marcus Figueiredo. “A cobertura das eleições passou a ser utilizada pelas emissoras como uma alternativa publicitária”, analisa Ângelo Franzão, vice-presidente da McCann Erickson e presidente do grupo de mídia de São Paulo.

- **Exclusão:** A matéria não caracteriza o papel das emissoras como concessões públicas, que devem preservar o equilíbrio como exigência legal.

Enquadramento dominante: Temático, sobre a guerra entre emissoras de tevê na cobertura política, evidenciando pontos de vista de jornalistas, pesquisadores, editores, coordenadores e diretores de emissoras comerciais e públicas.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO IV

Revista: Carta Capital

Data: 16/08/2006

Título da matéria: A força do pobre

Olho: Lula amplia vantagem sobre Alckmin com o apoio de 58% dos eleitores de baixa escolaridade, e hoje venceria a eleição no primeiro turno

Descrição: A revista destaca que a popularidade de Lula voltou a crescer graças ao apoio do eleitorado mais pobre, segundo a terceira rodada da pesquisa Carta Capital/Vox Populi.

A matéria ainda registra que o anti-lulismo cresceu entre a população mais rica e analisa como os eleitores se informam sobre política.

- **Seleção:** Segundo a matéria, “não se trata de acentuar a disputa polarizada entre o candidato dos pobres e o candidato dos ricos”, afinal Lula também transitaria nas classes mais altas, mais do que Alckmin entre os mais pobres. Mas a revista deixa claro que “a disputa de 2006, com um candidato de origem operária em busca da eleição está inserida num cenário de confronto de classes”.

- **Ênfase:** De acordo com a matéria, “é uma regra no Brasil, ninguém ganha a eleição presidencial sem o apoio eleitoral da maioria pobre, cerca de 60 milhões de votos”. A teoria também esclarece algumas opiniões ‘equivocadas’ sobre o voto em Lula. “Quando votaram em Fernando Henrique, eram racionais, quando votam em Lula, são ignorantes. Só rindo”.

Os candidatos também seriam beneficiados pela popularidade e ações de governos anteriores. “A avaliação do desempenho do governo é considerada uma das mais importantes na definição do voto”.

- **Exclusão:** A matéria não se refere às políticas de governo.

Enquadramento dominante: corrida de cavalos, centrada nas chances de vitória.

Enquadramento secundário: temático, sobre as supostas razões das preferências eleitorais entre os diferentes estratos sócio-econômicos.

QUADRO V

Revista: Carta Capital

Data: 16/08/2006

Título da matéria: A TV não conta tanto

Olho: É sabido que a influência dos programas eleitorais é pequena. O que pode fazer a diferença são as inserções de 30 segundos

Descrição: A matéria diz que Alckmin cresceu e caiu em seguida. “Na verdade, parece-me que os dois movimentos são frutos exatamente da mesma coisa, sobre a qual já tratamos neste espaço: a força das inserções, das oportunidades de propaganda partidária”, analisa Marcos Coimbra, autor da matéria e diretor do Instituto Vox Populi.

- **Seleção:** Segundo a matéria, “Alckmin subiu e caiu porque teve impulso na sua candidatura através da mídia partidária do mês de junho, bem utilizada por sua campanha, e depois porque esse impulso se desfez”.

O texto argumenta que a candidatura de Alckmin reage à comunicação e cai quando deixa de tê-la. Esse processo seria natural para um candidato que continuaria desconhecido pela metade do país.

- **Ênfase:** De acordo com a revista, o mês de julho serviria de resposta sobre o que faz ou não diferença no processo eleitoral, ou seja, as inserções. “Elas estão dispersas na programação, atingindo a todos, quem gosta e quem não gosta de política, quem tem e quem não tem candidato definido, só elas são decisivas”.

Já os programas do horário eleitoral influenciam pouco ou quase nada no processo de formação de opiniões e atitudes. “Os poucos que os vêem já sabem o que vão fazer. Os demais mal sabem o que acontecem neles”.

- **Exclusão:** A matéria admite como fato a suposta menor influência dos programas eleitorais gratuitos e exclui visões diversas.

Enquadramento dominante: temático, sobre a influência da propaganda eleitoral.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO VI

Revista: Carta Capital

Data: 23/08/2006

Título da matéria: O Tiranossaulo

Olho: De trunfo eleitoral, o secretário de segurança de São Paulo virou problema para a campanha de Alckmin

Descrição: A matéria retrata o perfil do secretário de segurança do Estado de São Paulo, Saulo de Castro Abreu Filho. Saulo era trunfo na campanha de 2002, quando o Estado registrou queda no número de homicídios. Agora, de acordo com a matéria, a inoperância diante do PCC, acusações contra adversários políticos (ele acusa o PT de ter ligações com a facção criminosa), agressões a defensores dos direitos humanos e mais um conjunto de bravatas teriam feito os planos de carreira política de Saulo caírem por terra.

- **Seleção:** Na matéria, de acordo com integrante do comitê de Alckmin, “as intervenções de Saulo fazem mais estragos à campanha do que as bombas do pessoal do Marcola”. Ainda a respeito de Saulo reforça a matéria: “nem ele nem qualquer dos subordinados conseguiram montar um plano capaz de impedir ou, no mínimo, dificultar a ação dos criminosos”.

Para o advogado e professor da PUC, Oscar Vilhena, Saulo “é obsessivo e reage mal à pressão. Para José Gregori, ministro da justiça no governo FHC, “é uma figura complexa, mas não deve se tornar em um ponto de fixação das críticas. Isso só pode causar a ilusão de que bastaria tirá-lo do cargo para resolver o problema e não seria assim”.

- **Ênfase:** Segundo a revista, o secretário Saulo de Castro “tem um histórico de conflitos dentro e fora do governo paulista revelados da dificuldade de trabalhar em equipe, do narcisismo e do estilo centralizador”.

Logo viria a tona a incapacidade de lidar com a violência e o crime organizado, o que poderia prejudicar, em parte, a campanha de Geraldo Alckmin.

Junte-se a isso, no Brasil do PCC vê-se constantemente o descumprimento da “promessa de impor limites às transgressões sistemáticas dos direitos dos mais fracos e de criar padrões decentes de igualdade jurídica, econômica e de esclarecimento das massas”.

A estagnação econômica, a falta de oportunidades, os negócios ilegais, a corrupção teriam inchado a população carcerária em 300%, em São Paulo, nos últimos 10 anos. “Nas áreas de exclusão social, o crime organizado prospera como modo de sobrevivência dos mais fracos e de enriquecimento dos mais aptos. O crime organizado tem origem na riqueza que se forma nos mercados subterrâneos e só vem à luz nos paraísos fiscais”.

- **Exclusão:** A matéria admite a crise sistemática no sistema carcerário, porém não mostra discussões acerca de possíveis soluções para os problemas.

Enquadramento dominante: de conflito, centrado nas supostas desavenças entre secretário estadual e candidato à Presidência da República.

Enquadramento secundário: temático, sobre as falhas do sistema prisional.

QUADRO VII

Revista: Carta Capital

Data: 23/08/2006

Título da matéria: Após o horário gratuito

Olho: A disputa eleitoral dificulta o envio de tropas. Melhor para o exército

Descrição: A matéria aborda o impasse do governador Cláudio Lembo em aceitar ou não a intervenção federal para ajudar a solucionar os ataques do crime organizado. “Se Lembo aceitar a ajuda das tropas comandadas pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva será o fim antecipado da candidatura do ex-governador Geraldo Alckmin. Enquanto isso, o pau come em São Paulo”.

- **Seleção:** Lembo preferiu recusar a ajuda federal porque “não quer passar para a História como coveiro da candidatura de Alckmin, de quem é, supostamente, aliado preferencial”. O ministro Waldir Pires acredita que o ato seria mesmo inadequado, principalmente durante o período eleitoral e teria dúvidas sobre a efetividade da medida. O colega da justiça, Márcio Thomaz Bastos também concorda. Já Lula “faz o estilo fiz-minha-parte e assiste, confortavelmente, à luta inglória dos tucanos e pefelistas paulistanos pelo controle da bandidagem na maior cidade brasileira”.

Para o deputado Alberto Fraga (PFL-DF), ex-coronel da PM de Brasília, colocar o exército contra o PCC seria mesmo uma idéia ‘esdrúxula’. Ele ainda afirma que o problema de São Paulo é da justiça e não policial. “Não se pode dar tantas benesses para os presos, nem mais direitos que deveres”.

- **Ênfase:** De acordo com a matéria, no caso de uma intervenção, todos os órgãos de segurança pública do estado ficariam subordinados a um general do exército. “Seria, enfim, a desmoralização de Saulo de Castro e do atual comandante da PM paulista, coronel Elizeu Eclair Teixeira”. Lembo, agora, quer neutralizar as críticas a essa resistência com um plano de segurança público montado às pressas e sob a liderança contestada do secretário Saulo de Castro.

- **Exclusão:** Não foram apresentadas mais informações sobre a eficiência esperada das diversas formas de combate ao crime organizado no Estado de São Paulo.

Enquadramento dominante: estratégico, centrado nos fatores que poderiam influenciar a disputa entre Lula e Alckmin.

Enquadramento secundário: temático, sobre as vantagens e desvantagens do uso das Forças Armadas no combate ao crime organizado no Estado de São Paulo.

QUADRO VIII

Revista: Carta Capital

Data: 06/09/2006

Título da matéria: Promessa é dívida

Olho: As idéias dos candidatos à presidência sobre crescimento, câmbio, juros, políticas industrial e agrícola. Atenção porque é a vida real

Descrição: Devido a ‘muita retórica e poucas propostas concretas’ durante a temporada eleitoral, a revista Carta Capital pediu ao comitê de campanha dos quatro candidatos à presidência que respondessem algumas perguntas sobre juros e política fiscal, câmbio e contas externas, crescimento e desenvolvimento, política industrial, política agrícola e reformas constitucionais.

- **Seleção:** Segundo a matéria, todos os candidatos apresentam uma “inequívoca diversidade de abordagens, mas todas mencionam a necessidade de o Brasil crescer muito nos próximos anos”.

- **Ênfase:** De acordo com a matéria, o tom das propostas é ameno. “Miram menos a ruptura e muito mais o aperfeiçoamento e o avanço da economia brasileira. Lula sustenta que a casa foi arrumada nos últimos quatro anos”. Já para Alckmin, “somos um dos poucos países que não souberam tirar proveito da conjuntura internacional extremamente favorável dos últimos quatro anos”.

- **Exclusão:** Temas como educação, segurança e saúde não foram abordados.

Enquadramento dominante: temático, porque abordou as visões dos candidatos acerca das políticas econômicas que pretendiam implementar se fossem eleitos.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO IX

Revista: Carta Capital

Data: 06/09/2006

Título da matéria: Agora, a classe média

Olho: Com 50% das intenções de voto, o presidente Lula supera Alckmin também entre eleitores que ganham de 5 a 10 salários mínimos

Descrição: A matéria analisou os números da quarta rodada de pesquisas Carta Capital/Vox Populi e afirmou que Lula alcançou 50% das intenções e tornou mais provável decidir a eleição ainda no 1º turno. Ele conquistou o apoio de uma grande parte da classe média brasileira (que ganham de 5 a 10 salários mínimos). Porém sofria resistência da faixa dos mais ricos.

- **Seleção:** De acordo com a revista, entre os mais ricos, Lula e PT não pareceriam ser parceiros confiáveis no poder. “A administração petista mantém quase intocados mecanismos econômicos (juros, por exemplo) que retardam uma distribuição de renda mais eficaz e acelerada”, mesmo com avanços expressivos nos programas de assistência social.

Alckmin, inspirado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, utilizaria uma linha mais dramática e agressiva em sua campanha.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, “o horário de propaganda política, em geral, beneficiaria quem está no poder. Foi assim no passado com FHC e estaria sendo assim com Lula”, mesmo com o PIB e a economia travados e com a alta taxa de desemprego.

- **Exclusão:** A matéria não se refere às propostas de governo dos candidatos.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, porque abordou os números, as posições dos candidatos na corrida eleitoral.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO X

Revista: Carta Capital

Data: 06/09/2006

Título da matéria: As batalhas de Itararé

Olho: Como na vitória de FHC sobre Lula em 1994, a eleição de 2006 caminha para ser uma disputa que não houve

Descrição: De acordo com a matéria, esta eleição teria semelhanças com uma outra eleição passada, a de 1994. Ambas foram comparadas com a Batalha de Itararé, um episódio ocorrido na revolução de 30 e que prometia ser uma batalha sangrenta. Porém, não aconteceu. Foi desmantelada pela renúncia de Washington Luís, ou seja, uma batalha que não houve.

Em 1994 não foi diferente. Lula, saído do embate com Collor, estava fortalecido, e FHC era preferido de Itamar e escolhido pela elite nacional. Lula venceria, mas perdeu a eleição “antes que ela começasse” em função do Plano Real.

- **Seleção:** A matéria lançou então a pergunta que não queria calar. “Talvez já seja a hora de nos perguntarmos por que Lula terá ganhado esta eleição, o que quer dizer porque a bomba do mensalão não explodiu”.

- **Ênfase:** De acordo com a revista, o eleitor já teria passado um ano e meio de forte e constante desgaste da política, do mensalão aos sanguessugas, juízes, prefeitos, desembargadores, senadores, ministros que não se dão ao respeito. “Estamos chegando à eleição com vastas parcelas do eleitorado meio entorpecidas, sem qualquer expectativa de que sua ação possa fazer diferença significativa”. Há ainda a fragilização da imagem pessoal do presidente e a falta de convicção: “vale a pena trocar de presidente, começar tudo de novo?”

- **Exclusão:** A matéria não se refere às mudanças na lei eleitoral, a qual impôs restrições nas campanhas (outdoors, brindes, camisetas, showmícios, etc).

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, porque aborda as eleições como batalhas, nas quais a melhor tática de combate faz o vencedor.

Enquadramento secundário: Temático, porque informa acerca de outras eleições e da falta de expectativa dos eleitores para com esta.

QUADRO XI

Revista: Carta Capital

Data: 13/09/2006

Título da matéria: Escolho e esqueço

Olho: Pesquisa Vox Populi aponta que 65% não se lembram do voto à deputado

Descrição: De acordo com números da pesquisa Vox Populi realizada para Carta Capital em todo o país, 65% dos leitores confessam que não lembram do voto a deputado federal em 2002. “A amnésia eleitoral aumentou e atinge, em proporções iguais, todas as classes sociais”.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, existiria grande interesse do eleitor pelos candidatos ao cargo no executivo e indiferença aos cargos do legislativo. Um grande problema para o sistema eleitoral brasileiro e também para democracia. “É também fruto da opção institucional de manter a obrigatoriedade do voto num contexto de outros princípios institucionais que tornam complicado, confuso, o processo de votação que funciona com regras confusas e permanentemente em mudança”.

O percentual de eleitores com definição de voto para o legislativo também é baixíssimo. O quadro é realidade em todas as regiões do Brasil.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, as classes D, e E lembram em quem votaram no passado mais que as A, B e C porque votam por sobrevivência. “O Legislativo substitui o executivo nas comunidades carentes”. Eles elegem quem os ajudou a arrumar emprego, já que o Estado não cria empregos para todos. “A ética da sobrevivência se sobrepõe à ética absoluta”.

- **Exclusão:** A matéria não aborda os fatores históricos e políticos que provocaram descompromisso, apatia do brasileiro para com a política.

Enquadramento dominante: temático, porque analisa de forma substancial a postura atual do eleitorado brasileiro.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XII

Revista: Carta Capital

Data: 20/09/2006

Título da matéria: Depois da tempestade

Olho: A bancada do PT na câmara pode até crescer, apontam as projeções

Descrição: Segundo a revista, em agosto do ano passado, previsões pareceriam anunciar o fim, não só do governo Lula, mas também do Partido dos Trabalhadores. Porém, análises de cientistas políticos e especialistas indicariam o contrário: o PT sobreviveu à tormenta da oposição e do caixa 2 e poderia ter uma bancada maior que a de 2002 na Câmara dos Deputados.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, na visão, por exemplo, de Carlos Augusto Montenegro, do Ibope, a questão ética e a perda das grandes lideranças seriam fulminantes para o PT. Além disso, existiria o fato de que, desta vez, o partido não se

beneficiaria do “vácuo de Lula”. Este ano Lula não precisaria do PT, mas o PT ainda precisaria de Lula, o qual teria um efeito menos intenso em sua candidatura.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, ninguém mais apostaria na decadência do PT e nem no atestado de óbito para o petismo. “A votação do candidato à presidência e a votação total do PT, sempre muito estável ao longo do tempo, dão a certeza de que nada vai mudar”, argumenta o professor de ciência política e coordenador do Núcleo de Estudos sobre o Congresso, do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), Fabiano Guilherme Santos.

- **Exclusão:** A matéria não se refere a aspectos importantes como cláusula de barreira e fidelidade partidária.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, porque relata até que ponto os acontecimentos que envolveram o Partido dos Trabalhadores interfeririam ou não na corrida eleitoral.

Enquadramento secundário: temático, porque analisa as possíveis projeções de estudiosos para a Câmara dos Deputados.

QUADRO XIII

Revista: Carta Capital

Data: 27/09/2006

Título da matéria: Dossiê Bumerangue

Olho: Ao negociar denúncias contra Serra, petistas criam uma crise às vésperas das eleições. A oposição aproveita

Descrição: Segundo a matéria, por causa da “clandestina, desastrosa e ilegítima” operação para levantar denúncias em um dossiê contra Serra, sete integrantes dos

comitês das campanhas de Lula e Aloízio Mercadante “formam uma banda podre que causa grandes danos ao partido no momento”.

A revista refez a trajetória dos responsáveis pela montagem e negociação do dossiê.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, a oposição enxergou a oportunidade de empurrar o presidente para uma crise, para uma possível impugnação e ameaça de abertura de novas CPIs.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, a descoberta da negociação do dossiê teria vindo em péssima hora. “Os reflexos da malfadada empreitada com os Vedoin ainda não puderam ser dimensionados. Por enquanto, a grande prejudicada seria a ala paulista do partido”.

O fato de entregar ou divulgar informações sobre determinadas circunstâncias verdadeiras não caracterizaria crime, porém a ilegalidade do dinheiro estaria prejudicando as candidaturas petistas com intensidade, principalmente a de Aloísio Mercadante.

- **Exclusão:** A matéria não apura o conteúdo do suposto dossiê.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, centrado na negociação do dossiê como estratégia frustrada de campanha eleitoral.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XIV

Revista: Carta Capital

Data: 27/09/2006

Título da matéria: Ataque frustrado

Olho: Realizada três dias depois da eclosão do escândalo do dossiê, a pesquisa aponta o crescimento de Lula e Alckmin dentro da margem de erro

Descrição: A matéria aborda outra pesquisa, a quinta rodada realizada pela Carta Capital/ Vox Populi e mostra que seriam cada vez mais remotas as chances da realização de um segundo turno na disputa pela Presidência da República. O crescimento de Lula e Alckmin está dentro da margem de erro.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, até agora, a pancadaria da oposição sobre o dossiê só teria provocado o efeito padeiro “bate e a massa cresce”. A oposição ainda esperaria confiante no efeito arrasador quanto o de um tsunami acerca do dossiê.

- **Ênfase:** Através de um box, a matéria enfatiza o fato apurado pelas pesquisas de que Lula seria melhor candidato do que presidente: “a intenção de voto em Lula subiu e a avaliação positiva do governo Lula caiu”.

- **Exclusão:** A matéria não se refere às propostas de governo dos candidatos.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, centrado nos números e posições dos candidatos na corrida eleitoral.

Enquadramento secundário: não há

QUADRO XV

Revista: Carta Capital

Data: 27/09/2006

Título da matéria: Teses equivocadas sobre o voto em Lula

Olho: Cinco idéias falsas que impedem a adequada compreensão de como se formaram as intenções a favor da reeleição

Descrição: De acordo com a matéria, a quinta rodada da pesquisa mostrou que Lula está melhor hoje que, por exemplo, Fernando Henrique Cardoso em setembro de 1998. A matéria também questiona supostas razões do voto em Lula e lança a dúvida: “Será

que os acontecimentos dos últimos dias, com as novas trapalhadas de petistas dentro e fora do governo, vão mudar esse favoritismo”?

- **Seleção:** Segundo a matéria, o voto em Lula não seria um voto cínico e despreocupado com a ética. “Lula está sendo votado apesar do ‘mensalão’ e não porque o ‘mensalão’ é irrelevante para seus eleitores”.

O voto em Lula também não seria um voto burro, pois “há tantos eleitores com nível superior pensando em votar em Alckmin quanto em Lula”.

Não seria um voto manipulado acerca do Bolsa-Família, nem um voto nordestino, nem tampouco, ainda, um voto de miseráveis, “o que a elite parece acreditar piamente. Lula e Alckmin estão muito próximos na intenção de voto desse tipo de eleitor”.

- **Ênfase:** De acordo com a matéria, seria preciso deixar de lado preconceitos, idéias pré-concebidas e conclusões apressadas e intencionadas de que o brasileiro não sabe votar. “No fundo, é a elite que está na raiz desses equívocos”.

- **Exclusão:** A matéria não se refere às propostas de governo de Lula.

Enquadramento dominante: temático, centrado na análise de resultados de pesquisas que captam as razões do voto em Lula.

Enquadramento secundário: estratégico, sobre tendências de voto.

5.2 Quadros de análise da revista Veja

QUADRO XVI

Revista: Veja

Data: 02/08/2006

Título da matéria: 54.000 votos por dia

Olho: É o que Alckmin precisa conquistar até o dia 1º de outubro para chegar ao segundo turno. Nos últimos quarenta dias, o tucano ganhou uma média diária de 170.000 eleitores

Descrição: De acordo com a matéria, pesquisa do Ibope mostrou que diminuiu a distância que separa Alckmin do presidente Lula na corrida eleitoral. Enquanto Lula perdeu 8,8 milhões de votos, o tucano conquistou 7,4 milhões de eleitores. 170.000 por dia.

- **Seleção:** Segundo a revista, o desempenho “sinaliza que a candidatura tucana conseguiu embarcar em uma trajetória ascendente”.

- **Ênfase:** Para a revista, é um erro supor que “a candidatura da musa do PSOL seja hoje, o principal fator a determinar a existência de um segundo turno”. Heloísa Helena precisaria ter mais visibilidade. A possibilidade de haver um segundo turno só se deveria ao crescimento do tucano nas pesquisas, que, para isso, possui agora o desafio de conquistar eleitores no nordeste, onde a diferença ainda é muito grande.

- **Exclusão:** A matéria não apresenta informações sobre plano de governo ou atuação anterior dos candidatos.

Enquadramento dominante: corrida de cavalos ou estratégico, pois traz informações apenas acerca dos números quanto à corrida pela presidência da república.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XVII

Revista: Veja

Data: 02/08/2006

Título da matéria: Mais que um santinho eletrônico

Olho: A guerra eleitoral já começou na internet. E em alta temperatura

Descrição: A revista relata que o prefeito César Maia foi vítima de ação de hackers em uma versão falsificada de seu Ex-Blog que circulava pela rede. “A mensagem continha denúncias sobre sua administração e supostos planos do prefeito para atacar adversários políticos”.

- **Seleção:** O episódio deu uma idéia do que poderia ser a disputa eleitoral na internet, uma ferramenta barata, sem restrições e eficiente para atingir o público jovem. “A internet virou um canal estratégico para os candidatos fazerem campanha no bom e no mau sentido”, visto que foram proibidos cartazes, outdoors e showmícios.

- **Ênfase:** Segundo a matéria, os estragos causados pela guerra na internet poderiam perturbar muito mais. “A brigada por Lula no Orkut ostentava menos pessoas do que o grupo auto-intitulado “Eu odeio o Lula”, com 48.000 membros”. Um blog petista também trouxe, por exemplo, vídeos vetados pelo Tribunal Superior Eleitoral na propaganda televisiva.

- **Exclusão:** A matéria não apura como partidos e candidatos usam a rede para divulgar informações sobre programas de governo e atuação dos candidatos.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos, porque caracteriza o uso da internet pelo candidato como mais uma estratégia de campanha na corrida eleitoral.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XVIII

Revista: Veja

Data: 16/08/2006

Título da matéria: Ela pode decidir a eleição

Olho: No nordeste, onde Lula esmaga Alckmin, o voto de um grupo peculiar de eleitoras pode ser decisivo para definir quem será o próximo presidente

Descrição: Segundo a matéria, o nordeste estaria virando o palco de uma batalha eleitoral. Ali, Lula tem uma vantagem enorme sobre seu adversário, Alckmin. Seria, portanto, fundamental, a luta dos candidatos por votos desta região, visto que, se Lula mantivesse a performance nordestina, já seria quase reeleito.

- **Seleção:** De acordo com a matéria, o grupo numericamente expressivo que poderia definir o resultado da eleição presidencial é composto por mulheres de até 44 anos. “Se uma parte significativa dessas eleitoras se inclinarem para Alckmin, o tucano volta a ter chances reais de derrotar o favorito nas intenções de voto”.

- **Ênfase:** A matéria enfatiza porque Lula ganharia essa fatia do eleitorado. “O eleitor brasileiro, em geral, vota com o bolso”.

De acordo com a matéria, Alckmin teria batido o recorde de visitas no Nordeste, dez vezes desde o início de junho contra apenas quatro de Lula. Lançou também um programa dedicado especialmente à região com 14 propostas acerca de temas como “preservação do meio ambiente e a aplicação de políticas sociais diferenciadas”.

- **Exclusão:** A matéria não se refere às políticas propostas por Lula e Alckmin para o Nordeste.

Enquadramento dominante: estratégico ou corrida de cavalos; a matéria esgota-se nas especulações em torno da estratégia a ser empregada pelos candidatos para atrair eleitores do Nordeste.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XIX

Revista: Veja

Data: 23/08/2006

Título: E não é que eles insistem?

Olho: Envolvidos em escândalos buscam votos apostando que o eleitor é bobo e não tem memória

Descrição: Segundo a matéria, o horário eleitoral trouxe rostos e nomes de políticos famosos envolvidos em escândalos de corrupção. São 68, só entre mensaleiros e sanguessugas, que se dirigem aos eleitores com desculpas e pedidos de votos mais variados. Alguns desqualificam a acusação que lhes é feita e apelam para se tornarem íntimos dos eleitores.

Seleção: De acordo com a matéria, são grandes as chances de esta turma chegar novamente ao Congresso. “Claro que miséria e baixa escolaridade, presentes nos grotões ajudam a formar currais eleitorais dominados por políticos assistencialistas, mas há outro fator fundamental”: o voto proporcional formado pela legenda partidária mais a coligação mais as sobras eleitorais, de acordo com a cientista política Lúcia Hipólito. Essa combinação inflaria os candidatos com votos que no fundo eles não receberam.

Ênfase: Segundo a revista, o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) encaminhou consulta ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) propondo que os candidatos envolvidos em crimes sejam impedidos de tomar posse. Entretanto a medida mais eficiente estaria sempre nas mãos do eleitor.

Exclusão: A matéria não apresenta qualquer informação sobre as provas em torno das supostas ilegalidades cometidas pelos acusados, nem caracteriza com pluralidade a suposta distorção do sistema eleitoral brasileiro.

Enquadramento dominante: temático, sobre as características do sistema eleitoral brasileiro que supostamente facilitam a reeleição de deputados acusados de corrupção.

Enquadramento secundário: estratégico, sobre as maneiras com as quais os acusados se apresentam em campanha.

QUADRO XX

Revista: Veja

Data: 30/08/2006

Título: Cadê a campanha

Olho: Pesquisa exclusiva do Ibope mostra que o Brasil está vivendo a corrida eleitoral mais desanimada dos últimos tempos

Descrição: Como informa a matéria, em outros anos eleitorais, “há um mês da votação, havia campanha, disputa, discussão”. Já nesta eleição, as restrições à “festa democrática” (outdoors, brindes, camisetas, showmícios, etc) explicariam o desinteresse do público por esta disputa eleitoral. Seis em cada dez eleitores deixariam de votar se, é claro, o voto não fosse obrigatório.

Seleção: De acordo com a matéria, a eleições de 2006 é uma eleição em que não há disputa; 52% dos eleitores atribuem o desânimo às denúncias de corrupção. “As piores avaliações recaem justamente sobre os partidos e os políticos”. Outro motivo da apatia é o envolvimento de dirigentes do PT nas denúncias de corrupção. Afinal o PT era o partido que animava as eleições. Desta vez, Lula esconderia símbolos, cores e companheiros do partido para não prejudicar a campanha.

O engajamento da ala artística também não aconteceu.

“O eleitor mal consegue distinguir candidato e partidos. O eleitor está escolhendo os políticos de maior visibilidade sem debate. Isso torna a campanha morna”.

Ênfase: Segundo a matéria, a calma eleitoral também poderia ser positiva. A campanha se passaria em um ambiente de estabilidade: não haveria crise financeira, nem medo de calotes, medidas heterodoxas, inflação e juro ao nível mais baixo e o ambiente econômico, muito favorável.

Exclusão: A matéria não explica o motivo das mudanças na legislação que regula as campanhas eleitorais.

Enquadramento dominante: temático, sobre as supostas razões de apatia do eleitor brasileiro.

Enquadramento secundário: estratégico, que avalia a influência das campanhas sobre o humor do eleitorado.

QUADRO XXI

Revista: Veja

Data: 30/08/2006

Título: Siga o candidato

Olho: Sites especializados em investigar a vida dos políticos possibilitam até o monitoramento de sua evolução patrimonial

Descrição: De acordo com a matéria, pesquisas como a de Fernando Rodrigues, da Folha, e do pesquisador Leôncio Martins Rodrigues mostram que entrar na política pode representar sinônimo de ascensão social e econômica. E os escândalos de corrupção dos últimos meses revelariam que os políticos não se contentam apenas com o contracheque para elevar rendimentos.

A matéria informa sobre um site criado por Fernando Rodrigues, autor do livro Políticos do Brasil, no qual é possível monitorar e avaliar a atividade e a vida financeira de mais de 25 mil políticos e inclusive consultar CPF.

Seleção: Segundo a matéria, “com o acesso a declarações de bens, um eleitor pode comparar o patrimônio visível do político com o que ele declarou à justiça”, e também descobrir se o político tem contas a acertar com o fisco e se responde a ações na Justiça.

Ênfase: De acordo com a revista o uso da internet como instrumento de fiscalização vem crescendo visivelmente. Seriam 32 milhões de jovens com mais de 16 anos e que

têm acesso à rede. São 125 milhões de novos eleitores que podem mudar o resultado de uma eleição. “A questão patrimonial é um aspecto importante a ser levado em conta pelo eleitor atento”.

Exclusão: A matéria não informa que instrumentos como o site da ONG Transparência Brasil, mencionado no próprio texto, também permitem consultar outros dados de mandatários, referentes à sua atuação política.

Enquadramento dominante: temático, sobre instrumentos de verificação dos antecedentes de políticos.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XXII

Revista: Veja

Data: 06/09/2006

Título: Uma nova carta aos brasileiros

Olho: Cotejando-se o programa de governo feito pelo PT com os discursos de Lula, a conclusão é clara: o presidente é melhor que o Partido

Descrição: A matéria faz um comparativo com o programa de governo de Lula de 2002 com o proposto para o segundo mandato, bem como com as idéias do presidente explanadas em eventos recentes.

De acordo com as informações, o programa do segundo mandato é vago, impreciso, genérico, sem prioridades e clareza, e oposto ao plano “cristalino” apresentado durante as eleições de 2002.

No programa, temas como salário, incentivo às pequenas empresas, segurança pública, contenção de gastos, carga tributária, reformas estruturais, democracia e oposição são abordados de forma vaga, limitada e conflitante com idéias anteriores.

Seleção: Segundo a revista, um dos mentores do programa teria confessado que a imprecisão tem motivação eleitoral. A intenção de agradar a todos seria utilizada como chance de não complicar as eleições. Além disso, a matéria evidencia que há uma dicotomia e uma distância enorme entre o que Lula diz e o que o PT escreve.

Ênfase: De acordo com a matéria, “considerando-se o conteúdo do que Lula diz e do que o PT escreve, é um bom sinal que o presidente seja independente de seu partido”. Lula mostraria que é melhor que o seu partido e que seria bem melhor se colocasse em prática suas idéias no caso de uma reeleição. Porém, a convergência de que ambos tentam minimizar responsabilidades individuais nos episódios de corrupção também é enfatizada.

Exclusão: A matéria não faz um comparativo com o programa de governo de seu principal rival na disputa, o candidato Geraldo Alckmin.

Enquadramento dominante: episódico, baseado em comentários sobre aspectos superficiais do programa de governo do PT.

Enquadramento secundário: temático, porque analisa propostas de governo.

QUADRO XXIII

Revista: Veja

Data: 06/09/2006

Título: Dividir para governar

Olho: O voto dos pobres se distancia do voto da classe média em intensidade inédita.

Esse divórcio facilita a exploração e a manipulação eleitoral

Descrição: De acordo com a matéria, a campanha morna desta eleição teria produzido um fenômeno novíssimo: um abismo entre as intenções de voto da classe média e um grupo menos favorecido.

A máxima de que, para ser eleito, um presidente deveria primeiro convencer a parcela mais rica, mais esclarecedora e formadora de opinião, não estaria acontecendo

desta vez. “Estaria o Brasil reeditando o anacronismo da luta de classes em pleno século XXI”?

Seleção: Para a revista, a questão econômica é uma explicação bastante pragmática para essa diferença de comportamento, além dos escândalos de corrupção. A renda dos pobres subiu e eles estão satisfeitos com as políticas emergenciais distributivas. Já a classe média, ao ver seu bolso se esvaziar, desencantou-se, afinal teve sua renda encolhida até 12% nos últimos quatro anos.

Ênfase: Lula está colhendo seu pior desempenho eleitoral nas regiões Sul e Sudeste, nas quais estão os estados mais ricos e industrializados. “O eleitorado mais pobre, no entanto, parece não ter se sensibilizado com o advento dos mensaleiros, dólares na cueca”. Entre o arroz mais barato e a lisura do governo, o pobre ficaria com o arroz mais barato.

Os interesses distintos dessas duas classes são comparados com os interesses do último governo de Getúlio Vargas, considerado o pai dos pobres.

Exclusão: a matéria não apura a diversidade de fatores que intervêm na formação do voto.

Enquadramento dominante: temático, sobre as supostas razões das preferências eleitorais entre os diferentes estratos sócio-econômicos.

Enquadramento secundário: estratégico ou corrida de cavalos, porque é centrado nas intenções de voto dos candidatos Lula e Alckmin e nas chances de vitória.

QUADRO XXIV

Revista: Veja

Data: 13/09/2006

Título: Lula está cada vez mais lá

Olho: O petista cresce nos setores que lhe eram mais críticos e pode estar ocorrendo um fenômeno novo: o voto do pobre influenciando o do rico

Descrição: De acordo com a nova pesquisa divulgada pelo Datafolha, Lula melhorou seu desempenho nos segmentos que, até então, lhe eram mais críticos, mesmo com crescimento “pífio” de 0,5% do PIB e a taxa de desemprego. “Lula nunca esteve tão favorito quanto agora”.

Seleção: O crescimento de Lula atesta duas apostas erradas do tucanato: a de que sua campanha decolaria quando se iniciasse o horário eleitoral gratuito e de que o ataque expressivo a Lula e aos escândalos de corrupção em seu governo teria efeito.

Ênfase: O índice de Lula é um recorde. “Desde a redemocratização do país, em 1985, nunca um candidato chegou a um nível tão alto”. Fato atestado por ser, Lula, personalidade conhecida em todo o Brasil.

“Lula parece ter conseguido superar seu maior desafio nesta campanha eleitoral: esconder-se da corrupção que enlameou seu partido e seu governo”.

Outro fato destacado pela matéria: “o eleitor vê Lula como alguém do povo” e o povo da classe mais pobre estaria influenciando as intenções de voto dos mais ricos, uma tendência ainda a ser verificada.

Exclusão: A matéria não caracteriza as razões do voto em Lula.

Enquadramento dominante: corrida de cavalos, centrado em números que indicariam o favoritismo de Lula.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XXV

Revista: Veja

Data: 20/09/2006

Título: O show dos números

Olho: Os bons resultados nos indicadores de empregos, renda e consumo explicam o favoritismo de Lula

Descrição: De acordo com a matéria, a vida dos brasileiros melhorou nos últimos anos, de acordo com pesquisa do Pnad (Pesquisa Nacional por amostra de domicílios), feita pelo IBGE. Fatores como emprego, renda, consumo, saneamento básico e alfabetização poderiam ser as razões do favoritismo de Lula. Ele ainda se concentraria entre os mais pobres e menos escolarizados.

Seleção: No nordeste, onde Lula tem 70% das intenções de voto, esse crescimento é evidente no comércio e tem origem nos programas assistenciais como o Bolsa Família.

Não seria o espetáculo do crescimento, “mas foi um show indiscutível, principalmente para quem está na base da pirâmide”. E, ao contrário dos episódios de corrupção, essa melhora seria o que realmente importa para o pobre.

Ênfase: Segundo a matéria, “boa parte desses resultados está lastreada no aumento dos gastos públicos”. O resultado custaria caro. Os gastos deveriam ser realizados de forma mais eficiente. O crescimento teria sido medíocre e Reforma Tributária, Reforma da Previdência e redução da burocracia seriam o caminho para uma taxa chinesa sustentável.

Exclusão: A matéria não caracteriza as ações de política industrial implementadas pelo governo Lula a fim de dar sustentação ao crescimento econômico.

Enquadramento dominante: temático, centrado nas supostas razões de votos em Lula.

Enquadramento secundário: corrida de cavalos, centrado em números que indicariam o favoritismo de Lula.

QUADRO XXVI

Revista: Veja

Data: 27/09/2006

Título: Um tiro no pé às portas da eleição

Descrição: A matéria informa que o PT teria lançado o país em uma grave crise política ao tentar comprar e divulgar um falso dossiê sobre adversários às vésperas da eleição presidencial. A revista também traz oito chamadas de matérias abordadas sobre o episódio nesta mesma edição.

Seleção: Devido à proximidade dos autores da operação dossiê, a reeleição do presidente Lula poderia sofrer várias conseqüências, até mesmo a impugnação de sua candidatura.

Segundo a matéria, se isso acontecer mesmo, o Partido dos Trabalhadores “terá conseguido impedir a manifestação da vontade popular dos brasileiros que brindam o presidente-candidato com 50% das preferências de voto”.

Ênfase: De acordo com a revista, “o episódio é fruto de desgoverno”, da “ausência de ética e moral da esquerda”. Lula teria afastado seus companheiros, mas não encerrado as amizades. Com isso, ele teria criado um ambiente propício à propagação da corrupção à compra de um dossiê com dinheiro sujo.

Exclusão: A matéria não apresenta a defesa do PT diante das acusações.

Enquadramento dominante: episódico, sobre as denúncias levantadas contra o PT.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XXVII

Revista: Veja

Data: 27/09/2006

Título: O vôo cego

Olho: O escândalo do falso dossiê revela que os petistas envolvidos fazem parte do círculo íntimo de Lula – e abre uma crise cujo desfecho é imprevisível

Descrição: De acordo com a matéria, o escândalo do dossiê teria aberto uma crise gravíssima e imprevisível porque os envolvidos teriam “laços com a campanha reeleitoral e com a própria instituição da presidência da república”.

Em função da crise, os partidos estariam sendo acionados a apoiar publicamente o presidente e dizer novamente que ele não sabia de nada e não teria interesse algum em atacar adversários, visto que estaria com vantagem folgada em relação a Alckmin.

Seleção: Segundo a matéria, a crise seria imprevisível quanto à diplomação de Lula e um possível processo de impeachment poderia acontecer. “É algo muito pior que Watergate”. Até petistas estariam acusando o golpe de uma maneira mais “aguda”.

Ênfase: De acordo com a matéria, de fato, era Lula a quem interessaria a compra de um dossiê, afinal, seria grande vantagem ter um petista no governo de São Paulo e um num segundo mandato. Além disso, seria a chance do PT de exterminar o PSDB em nível nacional.

A matéria se refere aos envolvidos como “organização criminosa e bandidagem”. Mais uma vez Lula estaria cercado de inúmeros suspeitos, “bandidos”, porém “parece afastar-se deles quando são pilhados em alguma malandragem apenas de forma protocolar”.

Exclusão: A matéria não apresenta a defesa do PT diante das acusações.

Enquadramento dominante: episódico, sobre as denúncias levantadas contra o PT.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XXVIII

Revista: Veja

Data: 27/09/2006

Título: “Pior do que Watergate”

Olho: A frase sobre o novo escândalo petista, é do presidente do TSE, que julgará um processo contra o candidato Lula

Descrição: Segundo a matéria, acusações de crimes de abuso de poder econômico ao utilizar dinheiro não contabilizado para fins eleitorais provocaram a instauração de um processo no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para investigar a responsabilidade de Lula e assessores no “dossiêgate”.

O segundo parágrafo do artigo 30-A da Lei eleitoral representaria para Lula riscos de perda de diploma ao candidato ou até cassação após ser investigado por uma possível CPI.

Seleção: Se Lula for absolvido no TSE, “assumirá um governo que dará a largada sob o peso de um monumental passivo ético – resultado da soma de escândalos que pontuaram toda a segunda metade do seu mandato”.

Ênfase: Lula também perderia apoio na Câmara. Um “Congresso hostil” dificultaria a votação de medidas e reformas importantes. O “passivo ético” de Lula ainda dificultaria a relação dos petistas com setores mais esclarecidos da sociedade quando, ao ser criticado, sempre se voltaria a argumentos de que estaria sendo atacado por elites golpistas e imprensa golpista.

Exclusão: A matéria não apresenta a defesa do PT diante das acusações.

Enquadramento dominante: episódico, sobre as denúncias levantadas contra o PT.

Enquadramento secundário: não há.

QUADRO XXIX

Revista: Veja

Data: 27/09/2006

Título: A costela de Lula

Olho: O churrasqueiro Lorenzetti ajuda a levar a brasa do dossiê para dentro do Planalto

Descrição: A matéria informa sobre a amizade íntima do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o chefe do Núcleo de Informações e Inteligência de sua campanha, o catarinense Jorge Lorenzetti.

Lorenzetti depôs sobre o caso na polícia federal e admitiu a culpa, eximiu seus superiores de qualquer envolvimento e só negou conhecer a origem do 1,7 milhão de reais.

Seleção: Segundo a matéria, seria difícil acreditar que Lorenzetti tenha agido sem o conhecimento de Lula, visto que a amizade íntima e “camarada” que existia entre os dois remonta a 1980. Lula teria confiado a Lorenzetti até a tutela de sua filha Lurian, que mora em Florianópolis.

Ênfase: De acordo com a matéria, no posto da chefia do Núcleo de Informações e Inteligência, Lorenzetti “passou a cozinhar a montagem do dossiê contra os tucanos”. Ele teria extrapolado e agora, “flagrado, o churrasqueiro está perto de assar o presidente”.

Exclusão: A matéria não apresenta a defesa do PT diante das acusações.

Enquadramento dominante: episódico, sobre as denúncias levantadas contra o PT.

Enquadramento secundário: não há.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Enquadramentos – Dominantes

	Carta Capital	Veja
Temático	5	5
Estratégico	9	4
Episódico	0	5
De conflito	1	0

TABELA 1: Total de enquadramentos dominantes nas revistas Veja e Carta Capital publicadas durante os meses de agosto e setembro de 2006.

Enquadramentos - Secundários

	Carta Capital	Veja
Temático	5	1
Estratégico	1	4
Episódico	0	0
Não há	9	9

TABELA 2: Total de Enquadramentos secundários nas revistas Veja e Carta Capital publicadas durante os meses de agosto e setembro de 2006.

As matérias referentes às eleições presidenciais de 2006 deram ênfase às estratégias de campanha. Dos enquadramentos dominantes identificados nas 29 matérias (15 Carta Capital e 14 da Veja), os temáticos se equivaleram nas duas revistas (cinco em cada). Na Carta o que predominou foi o enquadramento estratégico que configurou a campanha eleitoral como uma competição, uma corrida entre os candidatos. Ele foi apurado em nove das 15 matérias analisadas. A abordagem se restringiu a descrever os resultados das pesquisas e as estratégias das campanhas. Apenas um enquadramento de conflito foi identificado acerca das desavenças entre o secretário de segurança do estado de São Paulo e o candidato à Presidência da República Geraldo Alckmin.

A revista Carta Capital abordou substancialmente os assuntos em cinco matérias. Informou sobre a guerra entre as emissoras de TV Globo e Band na cobertura eleitoral. A matéria trouxe as opiniões do responsável pela cobertura das eleições na Cultura, Dácio Nitri, do pesquisador Marcus Figueiredo, do vice-presidente da McCann Erickson e presidente do grupo de mídia de São Paulo, Ângelo Franzão e de jornalistas, editores, diretores e coordenadores de emissoras comerciais acerca da rivalidade comercial, da disputa pela credibilidade e do lado espetacular das eleições.

A matéria *A TV não conta tanto* explica que a influência dos programas eleitorais é pequena. O que pode fazer a diferença são as inserções de 30 segundos. Elas seriam oportunidades de propaganda partidária e de crescimento nas intenções de voto e estariam

dispersas na programação, atingindo a todos, ao contrário dos programas eleitorais gratuitos que, supostamente, teriam menor influência entre o eleitorado.

Outra caracterizada como enquadramento dominante foi a matéria *Promessa é dívida*. Ela reuniu as idéias dos quatro principais candidatos à Presidência sobre as políticas econômicas que pretendiam implementar se fossem eleitos acerca dos temas juros e política fiscal, câmbio e contas externas, crescimento e desenvolvimento, política industrial, política agrícola e reformas constitucionais. Foi a única matéria referente a propostas de governo na amostra analisada com uma abordagem mais plural.

A matéria *Teses equivocadas sobre o voto em Lula* também foi caracterizada como enquadramento temático porque questiona supostas razões do voto em Lula e alerta para o cuidado com idéias pré-concebidas e conclusões intencionadas e apressadas sobre questões políticas.

A revista também contextualiza substancialmente os resultados da pesquisa Vox Populi sobre o fato de que 65% dos eleitores brasileiros não se lembram do voto a deputado federal e alerta para problemas no sistema eleitoral brasileiro.

O gráfico 1 demonstra a freqüência dos enquadramentos dominantes em Carta Capital.

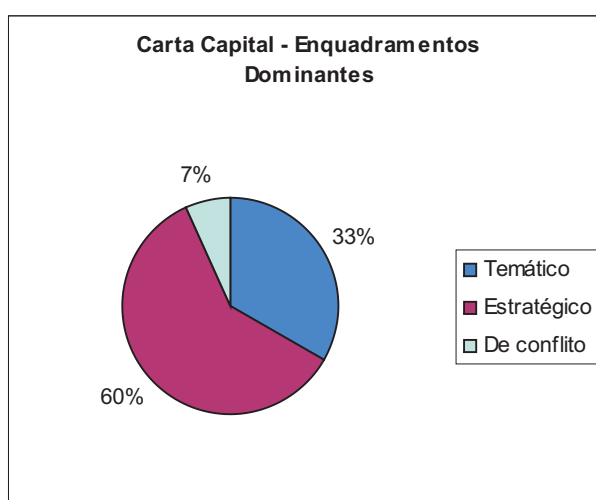


Gráfico 1: Proporção de enquadramentos dominantes na revista Carta Capital, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e de conflito.

Já as matérias que se pautaram nas chances de vitória, nos fatores que poderiam influenciar a disputa, nos números, nas posições dos candidatos e na negociação do dossiê como estratégia frustrada de ambas as partes, foram construídas estrategicamente selecionando, enfatizando, omitindo ou excluindo determinados aspectos. Contudo, as matérias sobre as pesquisas Carta Capital – Vox Populi não se deteram apenas em retratar os números e as posições e interpretá-los de forma objetiva. Mesmo as identificadas como enquadramento dominante estratégico acabaram direcionando secundariamente o assunto para uma abordagem mais temática e analítica, como, por exemplo, levantando aspectos históricos ou comparativos com outras eleições ou outros mandatos, discutindo as razões de preferências do eleitorado e também as razões do desânimo e da falta de expectativa durante as eleições de 2006, ou ainda apontando falhas nas políticas públicas de segurança.

Sendo assim, os enquadramentos secundários apurados em Carta Capital foram temáticos em sua maioria. Além das falhas do sistema prisional brasileiro, das supostas razões das preferências eleitorais entre os diferentes estratos sócio-econômicos e de comparações com outras eleições para explicar a falta de expectativa dos eleitores com esta eleição, as matérias apontaram projeções de estudiosos para a Câmara dos Deputados. Esses aspectos ficaram como pano de fundo em função de outros enquadramentos, mas voltaram-se para um contexto mais completo dos assuntos. Um enquadramento estratégico também foi identificado no que diz respeito às intenções de voto.

Em nove matérias não foi identificado enquadramento secundário.

O gráfico abaixo demonstra a frequência dos enquadramentos secundários em Carta Capital.

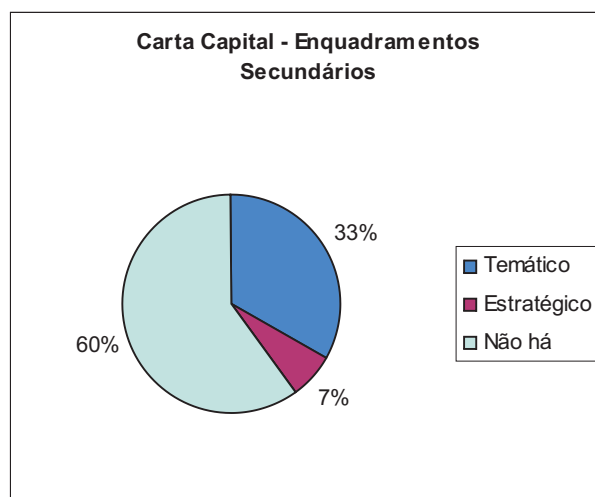


Gráfico 2: Proporção de enquadramentos secundários na revista Carta Capital, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e não há.

Os assuntos abordados de maneira temática, embora tivessem privilegiado os dois principais candidatos à Presidência da República, não se centraram apenas no candidato Luís Inácio Lula da Silva, mesmo com as denúncias do dossiê, episódio ocorrido às vésperas da votação, no qual petistas teriam negociado com dinheiro ilícito denúncias contra Serra. Apenas uma matéria aponta razões do voto em Lula à luz de cinco idéias que, argumenta-se, seriam equivocadas, apuradas em pesquisas realizadas pelo Instituto Vox-Populi.

Já na revista *Veja*, o candidato presidente foi explorado com mais frequência após o episódio da compra do dossiê. Foram quatro enquadramentos episódicos sobre denúncias levantadas contra o PT e que não apresentaram a defesa diante das acusações. As matérias sustentaram que as denúncias do dossiê teriam levado o país a uma grave crise política, que Lula teria criado um ambiente propício à propagação da corrupção, que somente a Lula interessaria a compra do dossiê e que sua reeleição poderia sofrer sérias conseqüências devido ao episódio. Além disso, a última matéria também explora a relação de amizade que Lula teria com o possível mentor e responsável pela montagem e negociação do dossiê. Um outro enquadramento episódico é identificado na matéria que informa sobre o programa de governo do PT, a qual é baseada apenas em comentários superficiais. A matéria faz uma comparação entre o programa de governo de Lula de 2002 e o programa proposto para o segundo mandato, bem como com as idéias do presidente explanadas em eventos recentes. A frequência dos enquadramentos episódicos se deu em notícias descritivas, centradas no evento dossiê, restringindo-se basicamente, em relatar fatos ou declarações de atores e os últimos acontecimentos de maneira superficial.

Ainda sobre os enquadramentos dominantes em *Veja*, verificam-se cinco enquadramentos temáticos nas 14 matérias analisadas. Elas se referem às características do sistema eleitoral brasileiro que supostamente facilitariam a reeleição de deputados acusados de corrupção. Seriam 68 só entre mensaleiros e sanguessugas com grandes chances de chegar novamente ao Congresso. A cientista política Lúcia Hipólito explica a situação através do voto proporcional formado pela legenda partidária, da coligação e das sobras

eleitorais. A matéria também informa sobre proposição do deputado Miro Teixeira ao TSE para que candidatos envolvidos em crimes fossem impedidos de tomar posse.

A matéria *Cadê a Campanha* também é caracterizada como enquadramento temático porque, ao abordar a vivência eleitoral do brasileiro nas eleições de 2006, elencou uma série de fatores que teriam desencadeado o desinteresse do público por esta disputa eleitoral.

Outra matéria é construída de forma substancial ao revelar que a entrada na política significaria sinônimo de ascensão social e econômica, segundo Fernando Rodrigues, da Folha de S. Paulo, e o pesquisador Leôncio Martins Rodrigues. Eles apostam na internet como instrumento de fiscalização em ascendência. A reportagem explica como o eleitor pode fazer pesquisas acerca de seu candidato.

Ao analisar o suposto aumento da distância entre o voto do mais pobre e o voto da classe média, Veja traçou um panorama do que estaria acontecendo. A revista enfatiza o pior desempenho de Lula nas regiões Sul e Sudeste e afirma que o eleitorado mais pobre se importaria apenas com o arroz e o feijão e não mais com o advento da corrupção. A abordagem é temática.

As supostas razões do voto em Lula também são exploradas. Segundo a matéria, a vida do brasileiro teria mudado para melhor. Fatores como emprego, renda, consumo, saneamento básico e alfabetização poderiam ser as razões do favoritismo de Lula. Porém, a matéria explora o fato de que, para tudo isso ocorrer, o país teria crescido pouco e gasto muito, e aponta caminhos para o crescimento.

Os enquadramentos estratégicos, quatro no total, se limitaram a interpretar números, posições e estratégias pela corrida eleitoral. Uma das matérias explica as possibilidades do crescimento de Alckmin na campanha e o que o tucano precisaria para conseguir chegar ao segundo turno. Apenas números e estratégias são descritos e apurados.

Uma outra matéria aborda que a guerra eleitoral já teria começado pela internet. A revista descreve a movimentação e exemplos que circularam no meio eletrônico. A abordagem é restrita.

O favoritismo em Lula também é analisado de forma superficial. De acordo com a revista, ele estaria atingindo as intenções de voto da classe média porque seria identificado

como alguém do povo, que estaria influenciando os mais ricos. A revista também sustenta que Lula estaria se escondendo dos casos de corrupção descobertos em seu governo.

Finalmente, a matéria *Ela pode decidir as eleições* esgota-se nas especulações em torno da estratégia a ser empregada pelos candidatos para atrair eleitores do Nordeste. A reportagem reduz a questão ao afirmar que “o eleitor brasileiro, em geral, vota com o bolso”.

O gráfico 3 abaixo demonstra a freqüência dos enquadramentos dominantes em Veja.

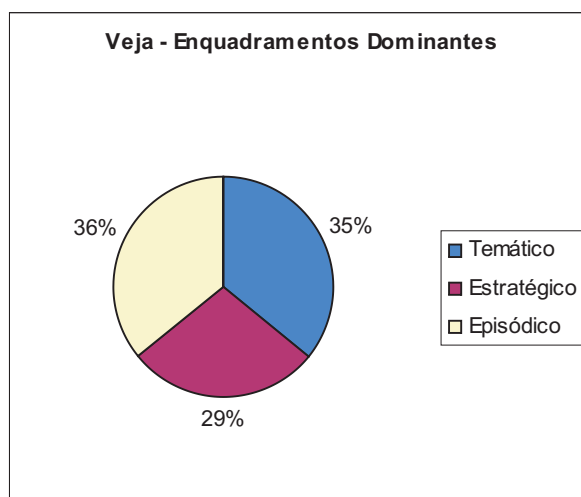


Gráfico 3: Proporção de enquadramentos dominantes na revista Veja, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e episódico.

Quanto aos enquadramentos secundários, foram registrados apenas quatro estratégicos referentes a intenções de votos e chances de vitória de Lula e Alckmin, números que indicariam o favoritismo de Lula, influência das campanhas sobre o humor do eleitorado e maneiras com as quais os acusados em escândalos de corrupção se apresentam em campanha. Apenas um enquadramento foi considerado temático porque analisou propostas de governo na interpretação da revista.

Em nove matérias, não foram identificados enquadramentos secundários.

O gráfico 4 abaixo demonstra a freqüência dos enquadramentos secundários em Veja.

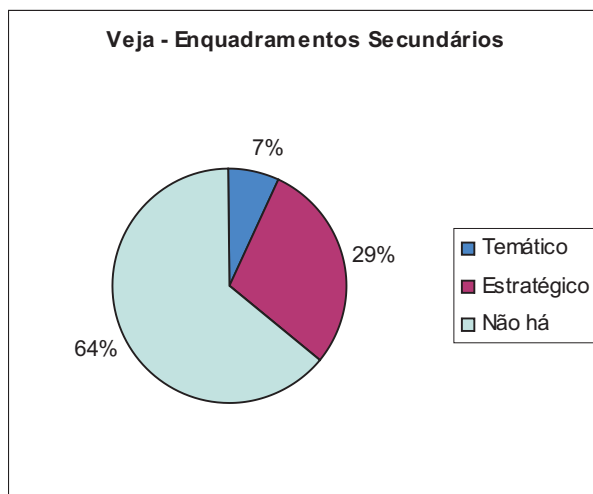


Gráfico 4: Proporção de enquadramentos secundários na revista Veja, publicada durante os meses de agosto e setembro de 2006, entre as categorias temático, estratégico e episódico.

Em Veja, Lula foi muito explorado de maneira negativa. O forte tom crítico da revista reduziu seu governo a uma mera política assistencialista, com gastos abusivos um crescimento ‘mediocre’, destacando seu possível envolvimento nas irregularidades da compra do dossiê.

Porém, as duas revistas destacaram a grande vantagem que Lula possuía em relação aos adversários e que o petista seria uma pessoa bastante popular, muito conhecida em todo o Brasil. Já Alckmin seria um candidato pouco conhecido e, por essa razão, estaria em desvantagem na corrida eleitoral.

A revista Veja também sustentou a preferência dos mais pobres por Lula como um descompromisso com a ética e com a moral. Entre o arroz mais barato e a lisura do governo, o pobre ficaria com o arroz mais barato.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o período e os veículos analisados, os resultados da presente pesquisa sugerem uma cobertura superficial, descritiva e estratégica das eleições presidenciais de 2006, como fez, por exemplo, a revista *Veja* ao abordar a compra do dossiê sem nenhuma chance de defesa dos envolvidos. Sobre este caso, todas as matérias caracterizaram enquadramento episódico, o que tende a impedir que as pessoas percebam as conexões entre os problemas sociais e as ações dos líderes políticos e que coloquem os acontecimentos do período em um contexto mais amplo.

O predomínio dos enquadramentos estratégicos ou corrida de cavalos pode dificultar o conhecimento dos eleitores sobre o processo eleitoral e não contribuir para o amadurecimento da conscientização política e nem para a mobilização da ação coletiva. A revista *Carta Capital* também abusou das abordagens estratégicas. Fez da cobertura das eleições presidenciais uma competição entre os candidatos, evidenciada na apuração das pesquisas, dos números e do desempenho dos candidatos. De 15 matérias, nove foram caracterizadas como enquadramento estratégico. Porém, a cobertura temática da revista (cinco matérias) foi produzida com qualidade, explorando a diversidade de fontes e a pluralidade do assunto. As matérias caracterizadas como enquadramento temático dominante contextualizaram substancialmente os temas abordados. Tal abordagem tende a contribuir para uma análise do significado dos conflitos apresentados, ou seja, possibilita um desempenho melhor do público na identificação das interpretações apresentadas pela notícia.

Os enquadramentos temáticos secundários também proporcionaram um entendimento maior dos fatos, embora relegados a segundo plano na abordagem de cinco matérias.

As propostas de governo e a atuação política de cada candidato não foram abordadas com profundidade.

Os pacotes interpretativos temáticos oferecidos pela *Carta Capital* foram mais abrangentes e fundamentados do que os pacotes oferecidos pela revista *Veja*. Ou seja,

mesmo caracterizadas como enquadramento temático, algumas matérias da revista Veja se limitaram a uma interpretação sem uma discussão mais profunda.

Lula foi enquadrado de maneira positiva pela Carta Capital. Já a revista Veja sustentou o envolvimento do candidato presidente com os mentores da negociação para a compra de um dossiê e relacionou constantemente o governo atual aos índices de corrupção. Ambas as revistas apontaram Lula como uma pessoa melhor que o seu partido, muito popular em todo o território nacional e querido dos pobres.

Alckmin, um candidato desconhecido por grande parte dos brasileiros, teria assim continuado, visto que nenhuma das revistas se propôs a reportar ações e propostas deste candidato.

Heloísa Helena foi retratada apenas como fator a possibilitar ou não a realização de um segundo turno. Somente a revista Carta Capital dedicou uma matéria a respeito desta candidata, seu temperamento e suas características políticas.

A frequência dos enquadramentos identificados nesta análise permite sugerir que a cobertura eleitoral de 2006 pelas revistas Veja e Carta Capital contribuiu apenas parcialmente para uma efetiva mobilização da cidadania. Se, de um lado, a maioria dos enquadramentos identificados foram estratégicos, por outro lado as revistas teriam ajudado seus leitores a conhecer e avaliar alguns aspectos substantivos da campanha eleitoral, dos conflitos e do processo político em geral.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando Antônio. **Agenda da mídia na campanha presidencial de 1998**. In: 9º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2000, Porto Alegre, RS.

BOAS, Sérgio Villas. **O estilo magazine. O texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha. **Agora é Lula: enquadramentos do governo do PT pelo Jornal Nacional**. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2005, Rio de Janeiro.

KELLNER, David. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LOURENÇO, André Luís. **Enquadramentos em estilo magazine sobre a articulação entre os poderes executivo e legislativo nacionais**. [Monografia de Iniciação Científica] Bauru, SP: Universidade do Sagrado Coração, 2006.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MIGUEL, Katarini. **A Conferência Rio +10 segundo os jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo**. [Monografia de Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo] Bauru, SP: Universidade do Sagrado Coração, 2004.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política.** In: 25º Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Salvador, Bahia, 2002.

PORTO, Mauro P. **A Mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal Folha de S. Paulo.** *Cadernos do CEAM*, Ano II, n. 6, 2001, pp. 11-32.

ROTHBERG, Danilo. Política mediada, democracia e elites. *Comunicação & Política*. V. 23, 2005, p.15 - 40.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

HAERTER, Leandro e SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. **A influência da mídia nas relações sociais**. Rio Grande do Sul- Pontifícia Universidade Católica: Mundo Jovem, 2003, ano XLI, N° 340 .

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.

PASCOTTO, Marcelo. **Fotomontagem nas capas de revista-análise das influências da arte de Vanguarda em Veja e Carta Capital**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2006.

RESENDE, Lino Geraldo. **Organizações, comunicação e espaço midiático**. Sala de Prensa, 2006, ano VII, Vol 3. Disponível em www.saladeprensa.es . Acesso em 22/05/2007.

ROCHA, Leandro. **A cobertura das revistas Veja e Isto é na eleição presidencial de 2006**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2006.

WOLF. M. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 1999.

ANEXO